

PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS DA EDUCAÇÃO

Flávio Clementino¹

Resumo

No presente texto pretendemos abordar as questões e princípios básicos que permeiam as discussões sobre a educação a partir da visão filosófica. Através da linha histórica, discutiremos o tema *Educação* contextualizada em dois momentos distintos. No primeiro momento, na visão grega, a educação no sentido mais amplo da palavra, como formação humana, na concepção do ser humano enquanto um ser social, que vive na e para a sociedade. Nessa esfera, o conceito de cidadão sobrepõe-se ao de indivíduo. No segundo, nossa análise se detém ao percurso moderno, especialmente sob as luzes de dois textos fundamentais nesse assunto, "*Resposta à pergunta: o que é o iluminismo?*" e "*Entre o passado e o presente*", respectivamente de I. Kant e H. Arendt. Nossa discussão se remete, inicialmente, ao mito grego de Prometeu, o patrono da humanidade, a qual ganha de presente o fogo roubado dos deuses pelo Titã. Os homens são caracterizados pela falta, pela falha, simbolicamente uma ausência, espaço que será suprimido pela educação, vista, pelos modernos, como algo complementar, dialógico, relacional, entre os indivíduos e o mundo, mediados pela cultura. É através da cultura que o ser se torna humano, é através da educação que nos indivíduos se cidadãos. Percorrer esses passos, traçando as semelhanças na concepção de educação entre os gregos e modernos que se mostra como objetivo nesse texto.

Palavras-Chave: Educação, Princípios filosóficos, Paidéia grega, Formação humana.

Abstract

In this paper we intend to address the issues and principles that permeate discussions on education from the philosophical view. Through the storyline, we'll discuss the theme Education contextualized at two different positions. At first, the greek view, education in the broadest sense of the word, as a human formation, in the conception of the human being as a social being, who lives in and for society. In this sphere, the concept of citizen overlaps of the individual. In the second, our analysis takes place at the moderns, especially under the lights of two texts, "Answer the question: What is Enlightenment?" And "Between past and future", respectively I. Kant and H. Arendt. Our discussion refers initially to the greek Prometheus's myth, the patron of mankind, which earns the fire stolen from the gods by the Titan. Men are characterized by the lack, the fault, symbolically an absence, a space that will be suppressed by education, seen by the modern, as something complementary, dialogical, relational, between individuals and the world mediated by culture. It is through culture that the being becomes human, is through education that the individuals become citizens. Tracing the similarities in the design of education among the Greeks and modern is the objective of the text.

Keywords: Educationo, philosophical principles, Greek Paidéia, Human formation.

¹ Professor da Educação Básica da Rede Estadual de Minas Gerais e Mestrando em Educação Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET/MG.

INTRODUÇÃO

Com o texto que se apresenta, discutiremos o tema *educação*, com uma abordagem histórica, destacando os pontos fundamentais na tentativa de conceituá-lo e contextualizá-lo em dois períodos distintos, a saber, entre os gregos e os modernos. Em um primeiro momento, nossa abordagem visa destacar a compreensão grega do conceito de educação e seu entendimento como *formação*, no sentido mais amplo que a palavra pode apresentar na cultura grega. Logo após, analisaremos a concepção moderna do termo, e o sentido da palavra nesse período. Para tanto, tomaremos como base os textos da *Paidéia*: a formação do homem grego, Werner Jaeger; o texto de Hannah Arendt, *Entre o passado e o presente*, capítulo 5; I Kant, *Resposta à pergunta: o que é o iluminismo?* Após apreciação dos textos, passaremos às considerações finais.

Esse texto faz parte de uma discussão maior, a saber, nosso estudo sobre os “Aportes teórico-metodológicos presentes nos artigos da revista *Currículo sem Fronteiras* no período de 2002-2012: uma análise filosófica do Currículo”. Acreditamos que é através do currículo que conseguiremos responder algumas questões de suma importância no contexto da prática educativa, por exemplo, quais são os propósitos da escola, quais os assuntos são importantes, seus conteúdos e sua organização, como os alunos aprendem, quais os métodos e materiais devem ser usados, quais as experiências e atividades devem ser reforçadas na escola e na sala de aula e, pra finalizar, sobre qual é o objetivo da educação. Essas são questões básicas a serem respondidas quando falamos sobre educação.

Contudo, a educação não é um fim em si mesmo; possui um objetivo maior que ela própria. Através da educação espera-se educar o indivíduo para encontrar-se consigo mesmo, para encontrar-se com o outro e encontrar-se no mundo. A partir desse pressuposto, pensamos que não haverá discussão séria sobre educação se caso não houver uma discussão filosófica sobre os processos que envolvem a educação. As perguntas “o que é educar”, “por que educar”, “para quem educar” devem estar presentes na reflexão sobre a educação e somente a partir delas é que podemos chegar a uma concepção mais apurada sobre esse conceito.

O comportamento que propomos é o mesmo de Sócrates ao seu amigo Hipócrates, quando este lhe chama ainda bem cedo para ir à casa de Cálias, encontrar com Protágoras, o sofista de grande renome que acabara de chegar à cidade. Sócrates, espantado com o comportamento de seu amigo, o questiona: “que pensa sobre Protágoras, o que espera dele?” Ele, Sócrates, ainda continua: “indo um médico, o que espera alcançar? Saúde, não? E indo até o sofista, o que espera de um sofista?” (*PROTÁGORAS*, 311a). Hipócrates, ainda muito jovem, não conhece os males que um sofista pode fazer à alma das pessoas, visão essa compartilhada por

Platão, presente no próprio texto. Um diálogo prévio entre os dois amigos é necessário antes da *entrega da alma ao sofista*. Sobre os assuntos pertinentes à educação, é preciso muito cuidado, pois aquilo que se aprende, fica gravado na alma, e isso pode ser tanto positivo, quanto negativo. É exatamente esse o papel do filósofo em questão, Sócrates, debater com seu amigo o que ele esperar alcançar visitando Protágoras e, o mais importante, no que ele espera *tornar-se*.

ORIGEM E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Na criação dos seres habitantes da Terra, os deuses incumbiram Prometeu e a seu irmão Epimeteu, os titãs, de distribuírem as *habilidades* para todos os animais (*Teogonia*, versos 507 a 616). De acordo com os deuses, essa distribuição deveria ser feita pela lei da compensação, ou seja, aos fortes, não seria dado a rapidez, aos menores, a velocidade. Àqueles desprovidos de agilidade, seriam enormes e possuiriam garras. Aos mais fracos, que serviriam de alimentos para os outros, seriam dotados de grandes ninhadas. Aos de hábitos noturno, teriam faro aguçado; a uns fora dado presas, aos outros assas e para muitos pêlos ao contrário de pele; sendo que também muitos ganharam uma carapaça dura para se protegerem. Epimeteu foi o responsável pela distribuição e Prometeu ficou encarregado de supervisionar o trabalho de seu irmão, após sua conclusão.

Depois de todo trabalho acabado, Prometeu veio para verificar como a distribuição das habilidades havia ocorrido e pôde constatar que o trabalho de seu irmão tinha sido muito bem executado. Contudo, embora todos os animais com seus respectivos dons, o trabalho não foi perfeito, pois os homens haviam sido esquecidos e permaneciam nus, sem nenhuma habilidade, sem garras ou presas para se protegerem dos outros animais. Dessa forma encontravam-se frágeis diante da natureza. Epimeteu não tinha mais nada a distribuir e os homens começaram a perecer pela sua fraqueza.

Prometeu, após verificar o descuido do seu irmão, resolve, por um stratagem, roubar, a única maneira de resolver o problema, o fogo dos deuses e presentear toda a humanidade. O fogo era a característica e exclusividade dos deuses; por tal petulância, Prometeu, com intuito de salvar toda humanidade, pagou um preço caro, pois foi aprisionado no Cáucaso, onde lá tinha seu fígado como alimento de uma águia imortal.

Essa história narrada por Hesíodo, na *Teogonia*, é emblemática, pois retrata a natureza humana de maneira ímpar, pois em um primeiro momento, os homens são caracterizados pela falta, pela ausência, em que os animais podiam se proteger do frio e do calor, procurar seu

próprio alimento, mas os homens não. Eram frágeis e desprotegidos. Através do presente de Prometeu, os homens não só passaram a se proteger dos outros animais, como também passaram a compartilhar algo específico da divindade, o fogo, através do qual poderiam transformar a natureza. Essa habilidade, característica de Hefestos, o deus do fogo, do metal, da metalurgia, artífice, passou a credenciar os homens com uma semelhança divina, colocando-os num patamar elevado.

Foi falta, a ausência, a necessidade que fez dos homens melhores entre os animais. Graças ao Titã Prometeu que, arriscando sua pele, proporcionou aos homens lugar de destaque entre as criaturas.

Como pode ser visto, o homem se faz como um ser da natureza, semelhante aos demais animais e não se diferencia em nada dos outros animais. Porém, posteriormente, pela dádiva do fogo, eles conseguem distinguir-se dos demais, podendo ser considerados seres não só dá natureza, mas também agentes de transformação na natureza. Desde então, a natureza passou a ser vista pelo homem não como apenas sua morada, mas também objeto de transformação, subjugada pelo poder do fogo, roubados dos deuses e dado aos homens.

Desde então o homem possui essa característica ambígua, de ser animal, mas com habilidades divinas; é da natureza, mas subjuga-a a todo o momento, como um Deus. Mortal com uma inclinação imortal. Através da habilidade divina, os homens passaram a construir casas, moldar a natureza em função de suas necessidades, passando a se distanciar dos demais animais, constituindo e sendo constituído por cultura.

OS GREGOS

Essa duplicidade da natureza humana, vista por Werner Jaeger como materialidade (corpórea) e espiritualidade, é o ponto de partida para a compreensão da educação nesse primeiro momento. Progressivamente, o homem vai se descobrindo como possuidor de uma natureza própria; conhecendo a si mesmo e na relação com o mundo exterior, numa relação dialógica, descobre uma existência humana, que se dá na natureza e não apenas dá natureza. O homem descobre sua *humanidade*. A educação se formata pela manutenção e transmissão dessas características físicas e espirituais às próximas gerações.

Partindo do pressuposto anterior, que a educação se dá na transmissão de certas características, vemos que ela acontece pela via comunitária, em que a relação entre os indivíduos se dá de forma necessária. De acordo com Jaeger:

a educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu sentido exterior como na sua estruturação interna e desenvolvimento espiritual; e uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação dos valores válidos para cada sociedade (Jaeger, 2001, p. 4).

Além da idéia de comunidade, a educação também pressupõe a idéia de um procedimento intencional e consciente. Para entendermos melhor a estreita relação existente entre educação e esses dois conceitos, é preciso também compreender a idéia de cultura, ligeiramente diferente daquilo que temos em mente quando apontamos para um grupo de pessoas e explicitamos tudo aquilo que é relativo àquele grupo ou povo, ou à “totalidade das manifestações e formas de vida que caracterizam um povo” (Jaeger, 2001, p. 8). A concepção grega de cultura é um conceito valorativo, um ideal consciente e nesse sentido é típica, e iniciada com os gregos. Pauta-se numa concepção na qual a educação se mostra como um esforço humano para a formação de um tipo elevado de Homem. E nesse contexto a palavra formação é mais adequada; a educação grega é a *formação do espírito humano, paidéia*, a *bildung*, para os alemães. Dessa maneira, colocar estes conhecimentos com força formativa a serviço da educação e formar por meio deles verdadeiros homens, como o oleiro modela a sua argila e o escultor as suas pedras, é uma idéia ousada e criadora que só poderia amadurecer no espírito daquele povo artista e pensador. A mais alta obra de arte que o seu anelo se propôs foi a criação do Homem vivo. Os gregos viram pela primeira vez que a educação tem de ser também um processo de construção consciente.

Como exemplo, temos a República de Platão, cidade ideal, utópica, na qual os habitantes seriam educados a partir da e para a cidade. Embora um método único de educação para todos, o sistema visava formar cada ser na sua peculiaridade, ou seja, captando aquilo que cada um tem a oferecer de melhor para a comunidade. O melhor para todos nesse sentido seria que o melhor piloto, pilotasse; que o melhor legislador, legislasse; que o melhor poeta, recitasse e assim sucessivamente. Essa educação baseada na Dialética, expressão máxima da filosofia, *forjava* o cidadão, no sentido forte da palavra; fazendo com que cada um atuasse em consonância com sua natureza, exigindo assim um conhecimento na natureza humana, um conhecimento do espírito humano.

No oráculo de Delfos havia a inscrição, lapidar pelas palavras de Sócrates e sua vivência.

Lá encontramos: “conhece-te a ti mesmo”. Essa expressão simboliza toda uma necessidade, criada em torno do ser humano, que indica o autoconhecimento, e só a partir dele a possibilidade da educação, entendida como Jaeger, como formação do ser humano. Essa formação de ser completa. Aos olhos de Platão se inicia ainda na infância, quando as crianças são criadas pelas mães *coletivas*. Se não há uma referência direta de maternidade nem paternidade por nenhuma criança, Platão acredita que a criação e a preocupação serão idênticas para todas as crianças. As primeiras atividades devem ser relacionadas ao corpo, com atividades físicas e preparando as crianças para resistência física. Logo em seguida, a formação lúdica, pelos mitos e pelas narrativas fantásticas, deve ser efetuada com o máximo de cuidado, para que cada criança vivencie a história que seja importante e significativa para sua formação.

Vejamos que na cidade perfeita tudo é pensado em prol da formação / educação das crianças. Nada é por acaso. Logo em seguida, àqueles que passam pelo processo, começam a se habituar a lógica, matemática, música, aritmética e todo conhecimento pertinente a eles naquele momento. A dialética, sinônimo de conhecimento, considerado o maior nível para ser alcançado, não é destinado a todos, mas sim àqueles que passaram por todo o processo educacional, ou seja, formativo, mas que também aprenderam a usá-la da melhor forma possível, pois é uma ferramenta perigosa, caso usado para outros fins, ou seja, o conhecimento também requer comportamento ético e sempre feito de um para outro, do mestre ao discípulo.

OS MODERNOS

O contexto da modernidade, embora diferente, traz em si similaridades com os antigos. Lembremos o Renascimento, movimento de retorno à antiguidade clássica. Esse período inaugurado por F. Bacon e R. Descartes, embora por vias diferentes, aponta para a valorização do indivíduo, da subjetividade, da individualidade; processo similar ao movimento de introspecção feito por Sócrates ao abrir mão do questionamento cosmológico dos naturalistas. “Conhece-te a ti mesmo”.

I. Kant, alguns anos depois (1724-1804), será o expoente máximo, influenciado e influenciador de todo o contexto iluminista, no qual o conhecimento deve ser exercido como sinônimo de liberdade, autonomia da razão, estruturador da consciência moderna. Pelas palavras do filósofo, o conhecimento é de responsabilidade do próprio indivíduo. Saber se desprender das amarras que aprisionam o sujeito na escuridão é um imperativo. Semelhante ao movimento de saída da *caverna platônica*, é preciso um esforço por parte do indivíduo, cuja menoridade,

“incapacidade de se servir do entendimento sem a orientação de outrem” é sua própria culpa. O iluminismo é a saída de um lugar, da menoridade, de que ele próprio é culpado. Desprender-se da menoridade é extremamente difícil, tal qual a dificuldade dos habitantes da caverna que acreditam serem as sombras, realidade; tal a vivência destes naquele ambiente. Para muitos a menoridade é uma natureza, para aqueles que sempre viveram sobre a batuta de outrem, ser livre se torna um fardo difícil de ser carregado.

Aos olhos de Kant, para a saída da menoridade é necessário a liberdade, motivo pelo qual é extremamente difícil esse movimento, pois a todo lugar se depara com sua restrição. Porém, na mesma esteira de Jaeger, será no uso público da razão e livre entre os homens que poderá ser levado a cabo o iluminismo. Um clérigo, por exemplo, falando pela igreja, não fala por si, mas defende uma opinião institucionalizada. Entretanto, ao falar em público, pela sua erudição e como tal (erudito), e ao falar por si mesmo, se mostra possuidor de um dever esclarecer ao público sobre seus pensamentos “cuidadosamente e bem-intencionados sobre o que de errôneo” há na sua matéria.

Voltando ao tópico da natureza, se é que em algum momento o abandonamos, é a partir dela, ou seja, da natureza, que será pensada a educação na discussão de *Entre o passado e o futuro*, de Hannah Arendt. No seu capítulo, a crise da educação, vemos a tópica educacional sendo revista, porém não necessariamente do ponto de vista da *formação*. Embora grande devedora dos gregos, Arendt não compartilha dessa perspectiva, uma vez que sua atenção será voltada para a problemática do poder e da autoridade. De acordo com Kant, a maioria deve ser o fim a ser alcançado, porém de difícil movimento e, até certo ponto, espaço cômodo de se ocupar. Porém, esse movimento se dá em plena liberdade do indivíduo, no uso livre da sua razão. A questão colocada no texto de Arendt será, no contraponto liberdade e autoritarismo, como educar e ainda assim manter a autoridade dos professores sem, claro, esbarrarmos na questão do autoritarismo?

Para ela, a crise da educação acometida aos EUA em meados dos anos 1960, é uma crise essencialmente política. A crise é causada por um fator simples: os seres nascem para o mundo. Essa é a essência do problema. Essa crise é agravada quando as crianças são comparadas aos adultos, ponto fim à relação na qual o mais velho ensina aos mais novos. Se compreendermos as crianças como seres novos no mundo, e em um mundo velho, elas precisarão de uma intermediação para se adaptarem ao mundo, nesse mundo que, aos olhos delas, é completamente estranho. Nesse sentido, a criança precisa ser protegida do mundo, ao passo que, pelo desconhecimento do mundo, ele também precisa ser protegido das crianças. Essa

intermediação será feita pelos adultos, acostumados ao mundo, que, por pura necessidade, ou, nas palavras de Hannah Arendt, tomo “a educação [como sendo] o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens”.

As crianças, os recém-chegados ao mundo, são seres que se encontram numa situação de vir-a-ser, estão no processo de educação / *adaptação*. Nesse processo de adaptação ao mundo, a família e a escola exercem um papel fundamental. A família será o primeiro contato social que a criança conhece e será também o porto seguro, o escudo sob o qual a criança se sente protegida da vida pública, fora do âmbito familiar. Mas será no espaço público que a criança de fato compreenderá o mundo na sua totalidade. E será através da escola que acontecerá a introdução desse ser em formação ao mundo. A escola não é o mundo em si, mas a ponte que liga o mundo privado ao mundo público; o particular com o social, a transição da família para o mundo de fato. É a partir dessa relação que Hannah Arendt se sente no direito de relacionar o problema da crise na educação com o problema político, pois a perda da autoridade na política resvala na perda da autoridade dos mais velhos sobre os mais novos. Quando maior a desconfiança da autoridade na esfera pública, maior os problemas na esfera privada. Essa autoridade, entre pais e filhos, entre professores e alunos é o modelo que deve se compreender a autoridade do estado, relação essa que, de acordo com Arendt, já fora anunciado por Platão e Aristóteles, autoridade essa necessária nos âmbitos citados, porém prejudiciais entre os adultos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos textos de Hesíodo, Platão, Jaeger, Kant e Arendt pudemos percorrer sobre a temática da educação e perceber que, embora possam apontar direções e concepções diferentes da educação, todos concordam na questão de que a educação só acontece no meio social ou em função deste, na medida em que o ser humano é um ser incompleto ou um ser em formação, necessitando ser introduzido a um mundo completamente estranho a ele. O ser humano seria um alienígena no seu próprio planeta. Enquanto um ser na natureza, necessita da cultura. Enquanto um ser animalesco, necessita de ser socializado. Enquanto um selvagem, necessita ser *domado*. O homem é essencialmente um ser de ausência, de falta. Se no mito ele o caracteriza como um deus entre os mortais, na sociedade essa falta o humaniza.

REFERÊNCIAS

ARENDR, Hannah. Entre o Passado e o Futuro. 5 ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Perspectiva S.A. 2003.

HESÍODO. Teogonia. 3 ed. rev. São Paulo: Iluminuras, 1995.

JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta que é o iluminismo? In: KANT, I. A paz perpétua e outros opúsculos. Lisboa: Edições 70, 1989. P. 11-19.

PLATÃO. A república. Trad. Maria Helena da Rocha Pereira. 9 ed. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, 2001.

PLATÃO. Protágoras. Trad. Est. Intr. e Notas Eleazar Magalhães Teixeira. Fortaleza: 1986.